

O que é melhor: encher os reservatórios do Cantareira ou as torneiras do consumidor?

Análise

Fernando Torres
São Paulo

O Cantareira está recuperado. E, a não ser que haja uma seca mais grave do que a última — o que restou provado que não deve ser descartado pelas autoridades —, São Paulo escapou de vez do caos que seria um rodízio com dois dias de abastecimento e cinco dias sem água, como chegou a ser cogitado.

Depois de fechar outubro devendo 13,3% ao "volume morto", o sistema virou o ano praticamente no zero a zero, já está com mais de 14% no azul neste fim de janeiro e pode chegar a mais de 50% em maio, se o ritmo de entrada de água permanecer próximo da média histórica — como está há cerca de três meses — e o nível de consumo atual for mantido. Mas qual foi a mágica para o reservatório voltar a encher? Não houve mágica, é claro. E sim a combinação de ao menos quatro fatores.

Chuva, consciência dos consumidores, obras de interligação de sistemas e, principalmente, interrupções programadas e frequentes no fornecimento de água para parte da população — onde foi possível com redução de pressão e, onde não foi, com fechamento temporário de adutoras.

Nos meses de novembro e dezembro, quando tradicionalmente já chove bastante, a precipitação sobre a área do Cantareira ficou 20% acima da média histórica, o que fez com que a vazão média de entrada se aproximasse do padrão da última década, reduzindo o efeito esponja que passou a ser observado no período de seca. Em janeiro, o comportamento se repetiu.

Mas o retorno da vazão de entrada à média não seria suficiente para deixar tanta água dentro do reservatório. Historicamente o nível do Cantareira sobe 20 pontos percentuais entre dezembro e abril e perde os mesmos 20 pontos de maio a novembro.

O que explica a disparada de

30 pontos no nível do Cantareira em apenas três meses é que, do lado do consumo, houve uma redução importante. Ao longo de todo o ano de 2015, saíram do sistema em média 16 metros cúbicos por segundo, ante uma média de 38 metros cúbicos por segundo entre 2003 a 2013.

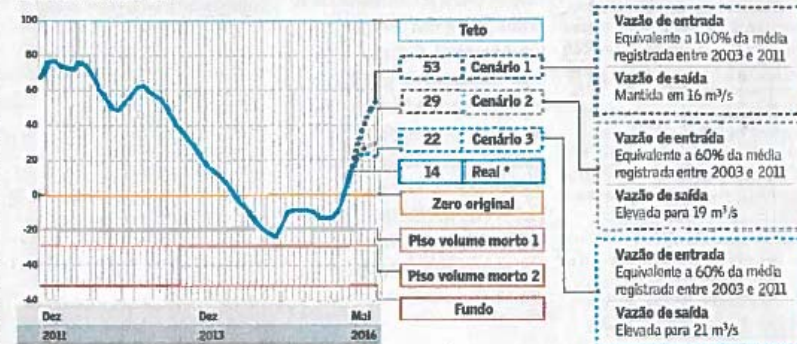
Foram feitos vários rearranjos entre os reservatórios que abastecem as diferentes áreas da capital e também obras de interligação para permitir essa redução de quase 60% na retirada do sistema.

Quando se considera os dados consolidados da Sabesp — que anulam o efeito da troca entre os sistemas — é possível verificar que a área de concessão como um todo, que durante os anos de 2012 a 2013 consumia algo perto de 69 metros cúbicos por segundo em média por dia, passou a ser abastecida com pouco mais de 52 metros cúbicos por segundo em 2015.

Dessa queda de 21%, ou quase 17 metros cúbicos por segundo, cerca de 6 m³/s se referem à redução voluntária de consumo. Isso

Projeções para o nível do Cantareira

Em % do volume útil



Fonte: Sabesp dados históricos; Valor estimado, *real de 26/01/2016

significa que a fatia restante da diminuição de gasto, de 11 m³/s, foi involuntária — via redução de pressão e diminuição no fornecimento de água na capital ou para outras cidades da região metropolitana e interior do Estado.

É por isso que faz sentido que, mesmo diante da possibilidade de encher rapidamente o Cantareira, o presidente da Sabesp, Jerison Kelman, tenha dito em entrevista recente ao Valor que prefere seguir outro caminho, o de re-

duzir o custo imposto àqueles que estão recebendo menos água do que o desejado há dois anos. Nas palavras dele: "Não tem sentido penalizar a população só para encher os reservatórios quando se sabe que tem uma boa perspectiva de que eles enchem mesmo abrindo as torneiras".

Se a empresa elevar a retirada de água do Cantareira em 30%, como propõe, o sistema chegaria ao fim de maio com quase 30% do reservatório cheio, mesmo consideran-

do uma vazão de entrada de apenas 60% da média histórica, conforme estimativa do Valor.

Para quem continuou com abastecimento normal nesse período pode parecer precipitado permitir aumento do consumo neste momento, com o reservatório ainda vendendo o volume morto pelo retrovisor. Mas para quem passou a conviver com falta d'água de forma recorrente nos últimos dois anos, é melhor encher a torneira antes do Cantareira.

Vazão de entrada
Equivalente a 100% da média registrada entre 2003 e 2011

Vazão de saída
Mantida em 16 m³/s

Vazão de entrada
Equivalente a 60% da média registrada entre 2003 e 2011

Vazão de saída
Elevada para 19 m³/s

Vazão de entrada
Equivalente a 60% da média registrada entre 2003 e 2011

Vazão de saída
Elevada para 21 m³/s